



Universidade de Brasília

FAC – FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**COMUNICAR PARA PREVENIR: UMA CARTILHA EDUCATIVA PELO FIM DA
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO DF**

LORRANY RIBEIRO MARTINS

BRASÍLIA
2023

LORRANY RIBEIRO MARTINS

**COMUNICAR PARA PREVENIR: UMA CARTILHA EDUCATIVA PELO FIM DA
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO DF**

Memorial de projeto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Amélia Paiva Abrão

Brasília

2023

LORRANY RIBEIRO MARTINS

**COMUNICAR PARA PREVENIR: UMA CARTILHA EDUCATIVA PELO FIM DA
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO DF**

Memorial de projeto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Brasília, 14 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria Amélia Paiva Abrão
Orientadora - Universidade de Brasília

Prof^ª. Dra. Elen Cristina Gerales
Examinadora - Universidade de Brasília

Prof^ª. Dra. Janara Kaline Leal Lopes de Sousa
Examinadora - Universidade de Brasília

Prof^ª. Dra. Cristiane Parente de Sá Barreto
Suplente - Universidade de Brasília

À Rozane Costa Ribeiro, minha tia Rô, amiga e maior defensora, cuja história estará sempre viva. A todas as mulheres da minha família, por serem o maior exemplo de força que tenho.

AGRADECIMENTOS

Sempre tive consciência da importância da gratidão. É algo que me foi passado na base da educação, pela minha família, e por isso não poderia começar de outra forma. Uma família presente, unida e apoiadora é rara, mas mesmo nos momentos mais difíceis de nossas vidas é esse o exemplo que tenho, e só isso é motivo de alegria.

Agradeço em especial à minha mãe, Elaine, por nunca ter me cobrado nada além de valorizar a educação, por ser minha força, minha melhor amiga e meu melhor colo. Ao meu pai, Edenilton, por me apoiar e mostrar a importância de ser responsável e humilde na mesma medida. Aos meus irmãos e primos-irmãos (são muitos) por, cada qual à sua maneira, tornarem os dias mais leves e alegres – Lorena, obrigada por acreditar mais em mim do que eu mesma!

Outro ponto basilar da minha criação foi a amizade. Por isso agradeço aqui aos diversos ciclos que sempre estiveram ao meu lado, em diferentes fases da vida: amigos de infância, ensino médio (Vanny) e grupinho de relações internacionais. Obrigada por sempre me lembrarem da importância de rir sem me preocupar.

Facto Agência, obrigada por me proporcionar as experiências mais inesperadas e enriquecedoras dessa graduação, e às pessoas que conheci, obrigada por me ensinarem e por compartilharem suas vivências, nada teria sido o mesmo sem cada um de vocês. E aqui é impossível não citar pessoas que me cativaram para além do profissional e pelas quais tenho um profundo carinho e admiração. Henri, obrigada por me encorajar e ser acolhimento. Jumo, obrigada pela parceria e por ter sustentado essa graduação ao meu lado, e Gabi Sereno, a quem me faltam palavras para expressar tamanha gratidão. Obrigada por ser colo, escuta, riso e surto também, sem você nada teria sido possível, sei que te levarei juntinho sempre.

À todo corpo docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília pelos valiosos ensinamentos e por todas as experiências compartilhadas dentro e fora da sala de aula, minha profunda gratidão e admiração.

Por fim, agradeço à minha orientadora, professora Maria Amélia, que foi uma feliz surpresa do fim da graduação. Muito obrigada por ter aceitado entrar comigo nessa jornada apesar de todas as dificuldades, e por não ter me negado sua mão e acolhimento. Aprendi muito e cresci com nosso convívio, e a isso serei sempre grata!

me levanto
sobre o sacrificio
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além

Rupi Kaur

RESUMO

A violência contra a mulher é um problema crescente na sociedade brasileira. Em novembro de 2023 o Distrito Federal somou 32 casos de feminicídio, o dobro do total de ocorrências do ano anterior. Nesse cenário, têm se intensificado a adoção de campanhas para alertar mulheres sobre os sinais de violência e despertar o ato da denúncia. No entanto, apesar da inegável importância de empoderar e incentivar que as vítimas de violência não permaneçam caladas, nota-se a ausência de diálogo com o público masculino, que configura-se como parte essencial da luta. Acreditando no potencial transformador da educação aliado à informação, o presente trabalho propõe um produto para dialogar sobre o problema da violência, trazendo os adolescentes para dentro do debate. Dessa forma, criamos uma cartilha online voltada para estudantes do Ensino Médio, para que sirva como um recurso comunicativo e educativo, mas principalmente como uma ação de prevenção às violências contra as mulheres.

Palavras-chave: comunicação e educação; violência contra mulher; prevenção; cultura da violência

ABSTRACT

Violence against women is a growing problem in Brazilian society. In November 2023, the Federal District recorded 32 cases of femicide, double the total number of incidents from the previous year. In this scenario, the adoption of campaigns to alert women about the signs of violence and encourage the act of reporting has intensified. However, despite the undeniable importance of empowering and encouraging victims of violence not to remain silent, there is a lack of dialogue with the male public, which is an essential part of the fight. Believing in the transformative potential of education combined with information, this work proposes a product to dialogue about the problem of violence, bringing teenagers into the debate. In this way, we created an online booklet aimed at high school students, which serves as a communicative and educational resource, but mainly as an action to prevent violence against women.

Keywords: communication and education; violence against women; prevention; culture of violence

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS

Figura 1 - Campanha de Violência Contra a Mulher no DF	14
Figura 2 - Mapa do Site	27
Figura 3 - Moodboard	28
Figura 4 - Paleta de Cores	29
Figura 5 – Tipografia	30
Figura 6 - Logo do produto	31
Figura 7 - Mão segurando megafone	31
Figura 8 - Que ser mulher não me custe a vida	32
Figura 9 - Pare de nos matar	32
Figura 10 - Mãos unidas	33
Figura 11 - Maria da Penha	33
Figura 12 - Não é não	34
Figura 13 - Tipos de violência	34
Figura 14 - Ciclo da violência	35
Figura 15 - Violentômetro para homens	35
Figura 16 - Casa da Mulher Brasileira	36
Figura 17 - Espaço Acolher	36
Figura 18 - Podcast	36
Figura 19 - Se liga	37
Figura 20 – Página Inicial da cartilha	38
Figura 21 – Página Leis e Dados	39
Figura 22 – Página tipos de violência	39
Figura 23 – Página Ciclo de Violência	40
Figura 24 – Página o que fazer	41
Figura 25 – Página prevenção na prática	42
Figura 26 – Página se liga	43
Figura 27 – Cartilha acessada por um smartphone	44

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Análise das Circunstâncias de crimes de Femicídio no DF entre 2015 e 2023	11
Gráfico 2 – Casos de Femicídio no DF	19

TABELAS

Tabela 1 – Regiões Administrativas com maior número de feminicídio	20
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. PROBLEMA DE PESQUISA	14
2. JUSTIFICATIVA	16
3. OBJETIVOS	18
3.2. Objetivos específicos	18
4. REFERENCIAL TEÓRICO	19
4.1. Cultura da Violência	21
4.2. A Comunicação como instrumento de transformação social	22
5. METODOLOGIA	24
5.1. Fase 1 - Preparação:	24
5.2. Fase 2 - Diagnóstico:	25
5.3. Fase 3 - Produção:	25
5.3.1. Seleção de conteúdos para a cartilha	25
5.3.2. Mapa do Site	26
5.3.3. Identidade Visual	27
5.4. Fase 4 - Divulgação do material	46
CONCLUSÕES	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

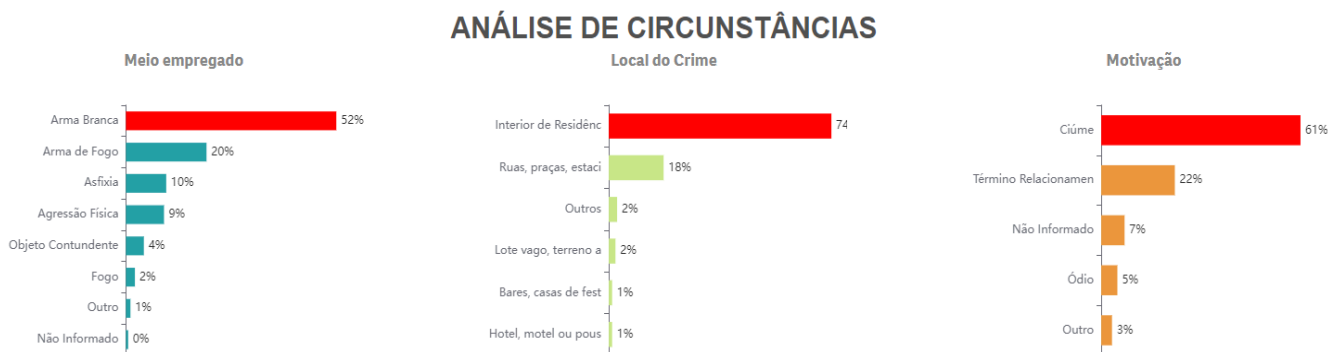
Em 2022, o Brasil registrou um recorde no número de vítimas de feminicídio. Os dados revelam que a cada 6 horas uma mulher é brutalmente assassinada, totalizando 1,4 mil mortes - o maior número desde 2015, ano em que a Lei nº 13.104/2015, lei do feminicídio, entrou em vigor (VELASCO, 2023).

No Distrito Federal, o Monitoramento de Feminicídios revela que cerca de 180 casos foram registrados na capital federal desde 2015. As vítimas representam perfis diversos, mas a motivação por trás da maioria dos crimes é o ciúmes do agressor em relação à vítima (SSP-DF, 2023).

Pelo Gráfico 1, notamos que a maioria dos feminicídios ocorrem nas residências e são utilizadas armas brancas (facas, tesouras, etc.). As armas de fogo estão em segundo lugar, mas pelo gráfico não podemos dizer se houve um aumento no uso deste tipo de armas a partir da Lei nº 3.713/2019, que alterou o estatuto do desarmamento (2003) e passou a permitir a comercialização de armas de fogo e munição no Brasil.

Dois outros dados ainda nos chamam a atenção, o local do crime como ruas, praças e estacionamentos, que mostram que o agressor não se sente intimidado a cometer o feminicídio em locais públicos. Em relação à motivação, o término do relacionamento vem logo após o ciúmes – para nós as duas motivações se relacionam, mas o ciúmes pode indicar que o agressor permanece obcecado pela mulher durante algum tempo antes de cometer o homicídio.

Gráfico 1 - Análise das Circunstâncias de crimes de Feminicídio no DF entre 2015 e 2023



Fonte: SSP-DF: Monitoramento de Feminicídios no Distrito Federal.

Diante desse cenário, é importante ter em mente que, apesar da existência de programas de apoio às vítimas e seus familiares em diferentes esferas do Governo do Distrito Federal (GDF), como a Secretaria da Mulher, a Secretaria de Desenvolvimento Social e a Secretaria de Justiça e Cidadania, com programas como o Pró-Vítima e o Maria da Penha vai à Escola, o volume dos investimentos não se mostra suficiente e resulta em uma aplicação não eficaz das medidas.

No âmbito internacional, a preocupação em erradicar a violência contra a mulher é também uma constante. Dentre a Agenda 20-30, que compreende os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU), está o ODS 5, cujo objetivo pressupõe alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, incluindo a eliminação de todas as formas de violência contra meninas e mulheres.

Ainda no escopo da ONU, existem outras convenções mais antigas, como a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, mais conhecida como a “Convenção de Belém do Pará”, adotada pelos Estados Partes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) em 9 de junho de 1994 e em vigor no Brasil desde dezembro de 1995. Nesta, entende-se por violência contra a mulher “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (CIDH, 1994). A Convenção prevê, em seu artigo 8º b, que os Estados Partes devem adotar medidas, inclusive programas a fim de:

modificar os padrões sociais e culturais de conduta de homens e mulheres, inclusive a formulação de programas formais e não formais adequados a todos os níveis do processo educacional, a fim de combater preconceitos e costumes e todas as outras práticas baseadas na premissa da inferioridade ou superioridade de qualquer dos gêneros ou nos papéis estereotipados para o homem e a mulher, que legitimem ou exacerbem a violência contra a mulher (CIDH, 1994).

Deste modo, entende-se como necessário o exercício de práticas que promovam o diálogo, a reflexão e a conscientização sobre os temas atrelados à violência de gênero em todos os níveis da educação, por meio de conteúdos e materiais direcionados, com o intuito de caminhar rumo à diminuição das estatísticas que relatam, diariamente, o fim de sonhos de meninas e mulheres vítimas do feminicídio.

A aplicação da Convenção solidificou-se no país através da Lei nº 11.340, a Lei Maria da Penha, sancionada em agosto de 2006. Recebendo este nome em homenagem à mulher sobrevivente a duas tentativas de feminicídio por parte do marido, a Lei “cria mecanismos

para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006), e dispõe sobre as formas que a violência doméstica e familiar contra mulher pode tomar, sendo elas:

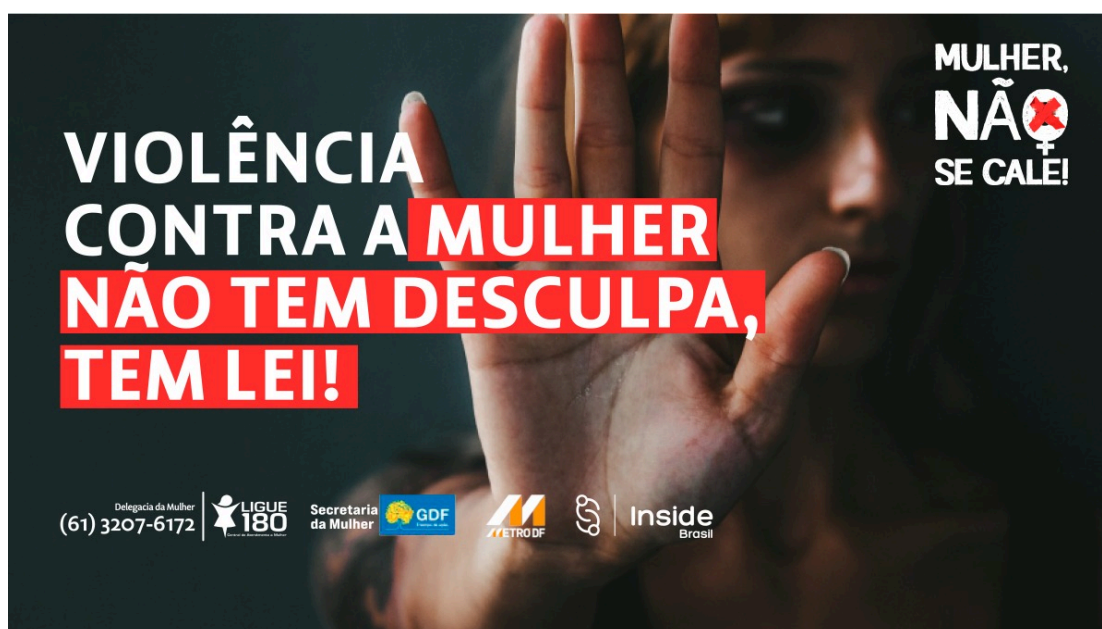
I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018); III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006)

É nesse contexto brasileiro de violência contra a mulher, em especial as que ocorrem no Distrito Federal, que buscamos refletir e construir este projeto de pesquisa de conclusão de curso. Surge assim o nosso problema de pesquisa, definido a seguir.

1. PROBLEMA DE PESQUISA

Com o crescimento dos números referentes à violência contra a mulher no Distrito Federal, acompanha-se também a intensificação de medidas e programas de combate à violência de gênero e de apoio às vítimas. No entanto, percebe-se que as campanhas publicitárias são direcionadas exclusivamente para o público feminino (Figura 1). A linguagem dessas ações comumente aborda o assunto utilizando frases como “Mulher, não se cale!” ou “Mulher, identifique sinais de alerta!”, o que reforça para quem se destina a mensagem e coloca a responsabilidade da prevenção nas mulheres.

Figura 1 - Campanha de Violência Contra a Mulher no DF



Fonte: Agência Brasília

Para além de campanhas publicitárias, é possível encontrar ainda diversos materiais informativos, como cartilhas e infográficos, direcionados a informar mulheres sobre sinais de alerta de violência nos relacionamentos, orientar sobre medidas a serem adotadas e canais de auxílio, mas possuem o mesmo contexto de abordagem das campanhas citadas acima.

É inquestionável a importância de informar sobre os sinais e empoderar meninas e mulheres contra a violência de gênero, no entanto, utilizar apenas este viés para campanhas e conteúdos torna as ações paliativas, e não coloca em pauta medidas preventivas que devem ser direcionadas aos perpetradores de violência, em sua maioria, homens.

A partir disso, surge o nosso problema de pesquisa: é possível desenvolver estratégias

comunicacionais voltadas para o público masculino a fim de prevenir a violência de homens contra mulheres?

2. JUSTIFICATIVA

A violência contra a mulher é uma questão complexa que afeta a sociedade brasileira. O Brasil tem enfrentado um aumento significativo no número de casos de feminicídio, com registros de uma mulher morta a cada 6 horas, totalizando 1,4 mil mortes só em 2022 (FARIAS et al., 2023). Esses números evidenciam a necessidade de intensificar os esforços no enfrentamento desse tipo de crime, motivado, na maioria dos casos, pelo fator gênero e pelo ciúmes.

Nesse contexto, a implementação de programas educativos e campanhas preventivas com conteúdos informativos têm se mostrado uma abordagem promissora no âmbito das políticas públicas voltadas para o combate à violência contra a mulher. Estes programas têm como objetivo principal promover a conscientização, prevenir a violência e oferecer suporte às vítimas e seus familiares.

Heleieth Saffioti destaca que “[...] o jovem pode, sem grandes dificuldades, situar-se na posição aqui denominada ‘questionamento transformador’, a fim de contribuir para a construção da cidadania para todos, enfim, da verdadeira democracia” (SAFFIOTI, 1987, p. 110). Para a autora, qualquer jovem que esteja aberto a reflexões coletivas, ao diálogo e argumentação é passível de ser transformado.

Dessa forma, uma ação voltada ao público jovem com idade escolar entre 15 e 18 anos, que cursa o Ensino Médio, pode se transformar em uma estratégia promissora pela faixa etária e por ser um período de interação social, em que intensificam-se as relações afetivo-amorosas. Além disso, existe o potencial de aprendizado dessa fase da vida, como também é uma fase em que muito se dialoga e se passa por mudança de hábitos. No entanto, considerando o acesso a esse público, é importante levar em consideração o papel central do corpo docente das escolas como agentes de transformação, uma vez que estes possuem contato direto com os jovens, além de desempenharem uma função fundamental no processo de construção do pensamento crítico dos jovens.

A filosofia de Paulo Freire entende a educação como caminho para a transformação social, a partir da construção de seres críticos e conscientes. Freire (1991) afirma que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (p. 84). A comunicação organizacional, por sua vez, busca melhorar as relações entre os diversos atores sociais, seja qual for o contexto em que esta é encontrada, através da mudança de comportamentos.

Sendo assim, notamos a relevância do presente projeto para o campo da comunicação organizacional, uma vez que não apenas toma forma de uma ação preventiva no sentido de alertar para sinais que ajudem estudantes a identificar situações – na rua ou dentro de suas próprias casas – em que devem buscar ajuda, mas também no sentido de contribuir para a formação cidadã de toda a comunidade escolar, implementando assim um canal aberto de comunicação entre corpo docente e alunos.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

O objetivo geral deste projeto é criar uma comunicação de prevenção à violência contra a mulher voltada aos adolescentes, estudantes do ensino médio, através de uma cartilha online para divulgar conteúdo educativo, de apoio, conscientização, prevenção e engajamento dos jovens na luta pelo combate à violência contra as mulheres.

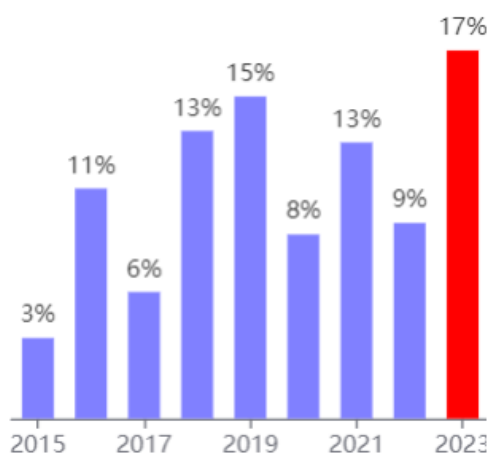
3.2. Objetivos específicos

- a) Disponibilizar informações de canais de atendimento e denúncia;
- b) Divulgar redes de apoio psicológico a vítimas;
- c) Difundir programas socioeducativos destinados a agressores de mulheres.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao analisar os números referentes aos casos de violência contra a mulher no país ao longo dos últimos anos, observamos um crescimento acentuado. Em julho de 2023, o número de mulheres vítimas de feminicídio no DF já representava um aumento de 350% em relação ao mesmo período de 2022, ano que foi recorde no índice de casos no país (COUTINHO, 2023). Dados da plataforma Monitoramento de Feminicídios no Distrito Federal mostram que em novembro de 2023, o número de casos na capital Federal até dezembro de 2023 é de 32, ultrapassando o número total de casos ocorridos no ano anterior, que somaram 17 vítimas de feminicídio, um aumento de 8% em relação a 2022 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Casos de Feminicídio no DF



Fonte: SSP-DF: Monitoramento de Feminicídios no Distrito Federal.

No Tabela 1 estão as dez regiões administrativas do DF com o maior número de feminicídio. Dessa forma, pretendemos realizar as ações de lançamento de nossa cartilha virtual inicialmente nestas regiões.

Tabela 1 – Regiões Administrativas com maior número de feminicídio

RA	Crimes
Ceilândia	26
Samambaia	17
Santa Maria	15
Planaltina	13
Taguatinga	10
Recanto Das Emas	9
Plano Piloto	8
Gama	8
Itapoã	8
Por Do Sol	7

Fonte: SSP-DF: Monitoramento de Feminicídios no Distrito Federal.

De acordo com o relatório Visível e Invisível 2023, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, um dos principais motivos para o aumento de casos de feminicídio foi a redução orçamentária destinada às políticas de enfrentamento de violência contra a mulher nos últimos quatro anos - Governo Federal de Jair Messias Bolsonaro - que pode ser comprovado a partir de nota técnica do Instituto de Estudos Econômicos (FBSP, 2023).

Embora observado um crescimento de todas as formas de violência, dados do mesmo relatório demonstram um crescimento acentuado de formas de violência física ou ameaças graves, que podem resultar em morte da mulher. Em 2022, 7,4 milhões de mulheres (11,6%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes, sendo uma média de 14 mulheres agredidas por minuto ao longo do ano. Além disso, 1 milhão de mulheres foram vítimas de esfaqueamento ou tiro no último ano (1,6%) (FBSP, 2023).

O local de maior incidência das violências se consolida na própria residência: 53,8% das mulheres vítimas de violência afirmaram que o episódio mais grave dos últimos meses ocorreu em casa, representando um aumento de 10% do índice em relação à primeira edição da pesquisa, realizada em 2017 (FBSP, 2023). Se tratando especificamente de Distrito Federal, dos 17 casos registrados em 2022, 10 ocorreram no interior da residência das vítimas, e dos 32 casos de 2023 até novembro, 20 ocorreram sob as mesmas circunstâncias. Esses dados reforçam ainda mais a importância de se trabalhar em políticas que tenham cunho educacional e preventivo, com o intuito de incentivar uma transformação social que combata a violência antes mesmo do surgimento de sinais de alerta.

4.1. Cultura da Violência

Para bell hooks (2018) o ciclo da violência se dá a partir da ideia disseminada pela violência patriarcal de que a utilização da força coercitiva como exercício de poder de um indivíduo sobre o outro é aceitável. Nessa mesma linha de pensamento é importante destacar que a violência contra meninas e mulheres tem suas raízes históricas em uma cultura em que determinados padrões de comportamento são atribuídos ao gênero, produzindo assim relações de dominação e submissão (BIANCHINI; BAZZO; CHAKIAN, 2022).

Oliveira et al. (2011) trazem um olhar sobre a violência cultural – sendo cultura uma reunião das “formas de pensar, sentir e agir de uma sociedade, por meio da comunicação, da cooperação e da repetição dessas ações” (p. 135). Estes ressaltam que a violência é internalizada na sociedade e que deste modo, torna-se um meio legítimo para resolução de conflitos. Além disto, esta encontra respaldo nos papéis estereotipados de gênero remanescentes na sociedade ainda no século XXI – dominação masculina e submissão feminina (BIANCHINI; BAZZO; CHAKIAN, 2022).

Os autores estudam a violência a partir da perspectiva das relações afetivo-sexuais entre jovens e adolescentes, e trazem para a análise quatro teorias explicativas: 1) teoria da aprendizagem social, na qual a violência nos relacionamentos afetivos é resultado da exposição a padrões violentos no ciclo familiar; 2) teoria do apego, onde o tipo de relacionamento desenvolvido entre mãe e criança moldam os comportamentos futuros; 3) modelo transnacional de ajustamento, que diz respeito às estratégias de adaptação frente à situações estressantes; e, por fim, as teorias feministas, que atribuem à violência uma perspectiva baseada em questões de gênero, controle e poder. Estas teorias convergem para o que os autores enfatizam sobre a dificuldade para se mitigar a violência nas relações interpessoais:

Apontamos ainda que o maior obstáculo para se transformar relações interpessoais permeadas pela violência em relações mais dialógicas é superar a naturalização com que os relacionamentos são representados pelos jovens e pelos adultos que os cercam (OLIVEIRA et al., p. 138).

Tal ponto vai de encontro ao que o filósofo e Educador Paulo Freire ressalta sobre como alcançar na sociedade uma cidadania comunicativa. Conforme destaca Ismar Filho (2021), “Paulo Freire (1968) considera que a base do diálogo é a confiança no outro. Só assim é possível estabelecer laços de ‘um encontro em que os homens se tornam sujeitos de denúncia no mundo para sua transformação’” (FILHO, 2021, p. 148).

A pauta da violência de gênero e violência doméstica, quando atrelada ao resultado cultural do sexismo, se depara com múltiplas resistências, “porque isso exige desafiar e mudar maneiras fundamentais de pensar gênero.” (hooks, 2018, p. 75). Deste modo, torna-se necessário pensar caminhos para uma mudança de perspectivas em prol da melhoria de comportamentos.

Heleieth Saffioti, uma das pioneiras nos estudos sobre a violência contra a mulher, destaca que a construção social da inferioridade feminina é concomitante à construção social da superioridade: um não pode existir sem o outro. Deste modo, a autora ressalta que, estando o homem e a mulher, mediante os preconceitos e padrões definidos socialmente, em “pólos da relação de dominação-exploração, não se pode abordar um, esquecendo o outro” (SAFFIOTI, 1987, p. 29).

A autora destaca que os preconceitos associados ao gênero estão tão intrínsecos à sociedade que são passadas aos filhos, mas destaca que:

não seria justo responsabilizar exclusivamente a mulher pela perpetuação da supremacia masculina. Os homens, via de regra, omitem-se na educação dos filhos. A omissão é também uma posição, e também um compromisso. Logo, ambos os genitores são responsáveis pelos valores inculcados nos filhos (SAFFIOTI, 1987, p. 34).

Saffioti reitera que, “na qualidade de vítima, de sofredora, de quem aceita, sem reclamar, seu destino de mulher, merece aplausos por parte da sociedade” (SAFFIOTI, 1987, p. 35). Porém, ao se posicionar contra aos padrões a ela atribuídos, a mulher é qualificada como louca ou, mediante uma “mera suspeita de que se interessa por outro homem, o marido [ou mesmo ex-companheiro] julga-se no direito de ceifar-lhe a vida” (SAFFIOTI, 1987, p. 35).

Pela discussão das autoras apresentadas, observamos que há uma relação de poder em que o homem se sente superior à mulher e este sentimento lhe dá a ideia de que a mulher é sua propriedade, principalmente quando ele é o responsável pelas finanças da casa.

4.2. A Comunicação como instrumento de transformação social

Mediante os números apresentados é indiscutível que as políticas públicas de enfrentamento à violência baseada em gênero devem ser estimuladas. De acordo com dados do FBSP (2023), a ampliação da divulgação e de campanhas de conscientização sobre denúncia de violência doméstica está entre as ações consideradas de maior importância pelas

mulheres (67,9%), atrás somente de punição aos autores de violência (76,5%) e suporte psicológico e legal às vítimas (72,4% e 69,4%, respectivamente).

A criação e divulgação de campanhas sobre a violência contra mulher desempenham uma função fundamental, para além da conscientização. De acordo com a advogada e Assessora Jurídica do Conselho de Segurança do Guará, Lianna de Souza,

O papel da mídia, no combate à violência doméstica e familiar é muito mais do que apenas ‘informar’, por ser uma das mais importantes fontes de informação, são orientadores de condutas, porque além da informação principal, tem-se o privilégio de agregar crenças, valores e anseios da sociedade. Portanto, o domínio exercido pelos meios de comunicação deve ter uma ação sempre positiva e decisiva, no sentido de fomentar, fortalecer, ampliar e sobretudo auxiliar no combate à violência (DE SOUZA, 2020).

Para Kunsch (2014, p. 37) “a comunicação precisa ser considerada não meramente como instrumento de divulgação ou transmissão de informações, mas como processo social básico e como um fenômeno presente na sociedade”, sendo incontestável o papel de poder que esta exerce na sociedade.

Ismar Filho (2021), por sua vez, destaca a relação da comunicação com a educação. Para o autor, a relação entre estas se dá em dois aspectos principais: 1) acesso ao conhecimento produzido por meio dos meios massivos e plataformas digitais, isto é, compartilhamento de conhecimento entre os diversos grupos sociais; 2) educação crítica para a mídia, literacia midiática e educomunicação, termos que dizem respeito ao desenvolvimento de uma visão crítica para a utilização dos meios comunicacionais (FILHO, 2021, p. 145-146).

Beatriz Figueiredo, diretora da Divisão de Perícias Externas do Instituto de Criminalística da Polícia Civil (PCDF) reforçou, em evento do Correio Braziliense, a necessidade de promover mudanças que estejam nas esferas cultural e educacional, com o intuito de promover medidas preventivas a partir da educação e da informação (SILVA, 2023). Diante da importância da comunicação como função educativa, voltamo-nos para o desenvolvimento de uma cartilha online, com o intuito de informar os jovens sobre os diversos tipos de violência a fim de que reflitam sobre suas ações e evitem ser disseminadores de violências.

A seguir, descrevemos o percurso metodológico deste projeto.

5. METODOLOGIA

Wilson Júnior (2005) cita que, no que se refere aos métodos de pesquisa em comunicação de massa, a análise de conteúdo ocupa-se basicamente com a análise de mensagens, mediante requisitos de sistematicidade e confiabilidade. De acordo com Lozano (1994),

a análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo o conteúdo analisável. É também confiável - ou objetiva — porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, possam chegar às mesmas conclusões (LOZANO, 1994, p. 141-142 *apud* JÚNIOR, 2005, p. 286).

Para responder a pergunta de pesquisa, foram analisadas cartilhas e campanhas de enfrentamento à violência contra mulher não só no DF, mas no Brasil.

A partir da pesquisa, leitura e análise dos formatos e linguagem majoritariamente adotados nesse tipo de conteúdo, percebemos uma lacuna referente à prevenção de violência doméstica, como ações voltadas ao público masculino.

Deste modo, as etapas seguidas para a construção do material foram:

5.1. Fase 1 - Preparação:

- a) Revisão de literatura/ documental: nesta etapa foram realizados levantamentos e leituras de referências teóricas, bibliográficas e outros tipos de fontes, tais quais documentos, legislação e cartilhas acerca do tema da violência contra a mulher. Foi realizada uma revisão bibliográfica para consolidar as ideias necessárias para a construção da lógica do trabalho, de modo a justificar o problema de pesquisa;
- b) Análise de modelos, formatos e linguagens de cartilhas: a partir de uma definição mais assertiva dos objetivos do trabalho, foi necessário então compreender como acontece, comumente, a construção de materiais consolidados em cartilhas online. Aqui observou-se que estas são majoritariamente divulgadas em formato PDF, por meio de sites oficiais dos Governos Estaduais, Universidades e Instituições Civis ou Organizações Não-governamentais (ONGs). Além disso, foi possível constatar construções que prezam por conteúdos escritos corridos (o que, de fato, é importante),

com exposição de dados, conceitos teóricos e canais de denúncia, com foco em alertar e instruir o público feminino;

5.2. Fase 2 - Diagnóstico:

- a) Após a compreensão dos formatos e padrões dos conteúdos existentes, passamos à fase de pensar novas estratégias que fossem condizentes aos objetivos do projeto. Deste modo, foram priorizados os seguintes quesitos, levando em consideração o público adolescente/masculino: uso de linguagem acessível, contraste de cores, informações em blocos, uso de imagens no estilo colagem;
- b) Mapeamento de perfil do público: O público focal é formado por adolescentes do gênero masculino entre 13 e 18 anos, ou seja, alguns são da geração Z outros da Alpha¹. Ambas compreendem os nativos digitais, que vivem num mundo conectado. Esses adolescentes preferem estudar via vídeos, e são grandes consumidores de YouTube e Tik Tok. Além disso, enquadram-se no público focal professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, uma vez que o material será construído com o intuito de servir como um material de apoio didático para tratar a temática na sala de aula.
- c) Plataforma: foram também pensadas as possibilidades de formato para disponibilização do conteúdo. Inicialmente a ideia seria um conteúdo em formato PDF disponibilizado para download, no entanto, ao pensar diretamente nos hábitos da geração à qual pertence o público alvo, optou-se por desenvolver um espaço que permita uma melhor experiência do usuário, com fácil navegação e interatividade, além da possibilidade de enriquecer as informações com conteúdos de vídeo e links. Os vídeos são o diferencial deste projeto, pois a partir destes podemos conscientizar os jovens sobre os tipos de violência, para que possam reconhecê-las e não replicá-las.

5.3. Fase 3 - Produção:

5.3.1. Seleção de conteúdos para a cartilha

As ideias de conteúdos para compor a cartilha foram colocadas em tópicos, desta forma, buscou-se trabalhar com três eixos base:

- 1) A violência de gênero: explicações conceituais e históricas, além de leis e dados relacionados ao tema no Brasil e no DF;

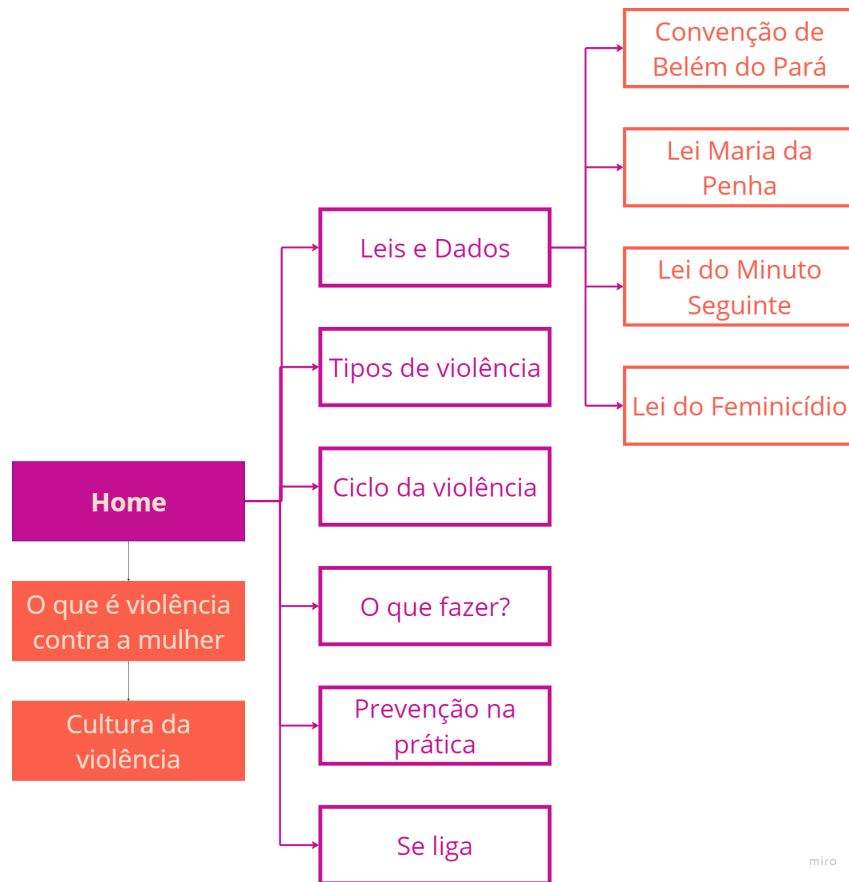
¹ São considerados da Geração Z são os chamados nativos digitais, ou seja, os que nasceram a partir da metade da década de 1990. A Geração Alpha compreende as pessoas que nasceram a partir de 2010.

- 2) Canais de denúncia e programas de apoio: informações sobre os canais disponíveis para denúncia de violência doméstica e familiar, bem como sobre os sistemas de apoio psicológico, social e jurídico às vítimas no DF;
- 3) Caminhos para a prevenção: para falar de forma direcionada aos homens sobre os sinais e o que devem fazer na busca por ajuda. Neste eixo encontram-se indicações de conteúdos sobre saúde mental masculina e programas que oferecem atendimento a autores de violência, além de conteúdos em formato de vídeos de séries, filmes e novelas para exemplificar sinais de alerta.

5.3.2. Mapa do Site

Com o intuito de nortear o processo de construção da cartilha online na plataforma escolhida, foi esboçado um mapa do site indicando as páginas e navegação do menu.

Figura 2 - Mapa do Site



Fonte: Elaboração própria

5.3.3. Identidade Visual

A construção da identidade visual, seja ela de uma marca ou de um produto, é um fator crucial para a comunicação de uma mensagem. Deste modo, as cores, imagens e elementos foram pensados de forma que o material esteja alinhado ao público-alvo, proporcionando uma leitura agradável ao usuário.

a) Inspirações

Para as inspirações visuais do produto o Behance² foi uma das principais fontes de consulta.

Tendo em vista a necessidade de utilizar elementos visuais adequados ao público de adolescente do Ensino Médio, optou-se por fotos formando colagens - formato muito utilizado por adolescentes. Assim, optamos por imagens que não sejam reconhecidas pelos adolescentes como infantis, mas que também não tenham um caráter violento e agressivo. A

² Behance é uma plataforma que une profissionais da criação e serve de inspiração e compartilhamento de ideias.

principal inspiração para o recurso de colagem digital foi a cartilha “[Autismo: uma realidade](#)”³, de Clara Rezende.

A fluidez da composição tipográfica encontrada na identidade visual da campanha “[Pela vida delas](#)”⁴, da prefeitura de Maceió, foi também uma inspiração, assim como o contraste de cores presente nas peças.

Figura 3 - Moodboard



Fonte: Elaboração própria a partir de acervo do Behance e bancos de imagens

b) Paleta de cores

A paleta de cores da cartilha “Comunicar para Prevenir” foi escolhida levando em consideração os critérios de público, objetivo e tema. Além disso, buscou-se prezar pelo contraste das cores escolhidas, conforme os “meios-complementares” do círculo cromático.

³ Disponível em:

https://www.behance.net/gallery/134463575/Autismo-Uma-Realidade-Cartilha-e-Animacao-TCC?tracking_source=search_projects%7Ccartilha

⁴ Disponível em:

https://www.behance.net/gallery/134463575/Autismo-Uma-Realidade-Cartilha-e-Animacao-TCC?tracking_source=search_projects%7Ccartilha

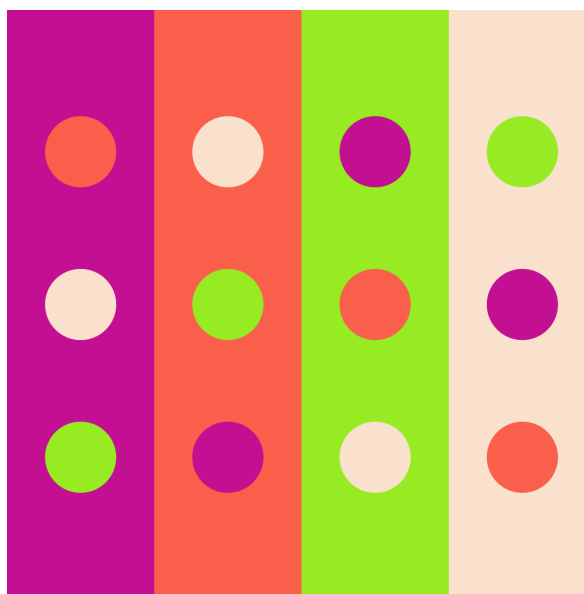
Roxo (#C61293): O roxo é uma das cores que está presente na representação do movimento feminista, bem como na luta contra a violência de gênero. Para além disso, roxo é a última cor a aparecer no céu antes do anoitecer, assim como aparece também na aurora do dia. Os tons dessa cor transmitem força, consciência e busca por transformação.

Laranja (#FE624C): O laranja é uma cor estimulante, ligada à energia, criatividade e comunicação. Sua utilização sugere abertura ao diálogo, além disso é uma cor de destaque que atrai visualmente.

Verde-Limão (#97EF25): O verde é a cor da esperança, e adotada em uma tonalidade mais aberta pode transmitir sensação de otimismo, de busca ativa por mudança social positiva.

Creme (#FEE4CE): O tom de creme foi adotado para ser uma cor neutra de contraste com todas as cores utilizada no lugar no branco para harmonizar com o conjunto.

Figura 4 - Paleta de Cores



Fonte: Elaboração própria

c) Tipografia

Para a composição da tipografia foram escolhidas duas fontes sem serifa: *Josefin Sans*, para títulos e destaques, e *Montserrat*, para textos.

A *Josefin Sans* é uma fonte moderna, com personalidade, trazendo uma unicidade ao projeto. Pode ser trabalhada em diferentes pesos, e oferece harmonia entre os caracteres

maiúsculos e minúsculos. Ademais, permite um fácil entendimento e proporciona uma leitura confortável em telas.

A *Montserrat* é também uma fonte moderna, com uma leitura confortável e diversas possibilidades de peso. Por ser uma fonte simples se encaixa à fonte principal escolhida, respeitando a hierarquia das informações.

Figura 5 – Tipografia



Fonte: Elaboração própria

d) Logo

A logo do produto foi construída a partir do ajuste da tipografia para que ficasse mais harmônica e alinhada. Por tratar-se de uma cartilha, optou-se por não construir um símbolo, e utilizar apenas uma composição visual das palavras que constituem o título do projeto, prezando pelo alinhamento e harmonia.

A palavra “comunicar” está bem visível, uma vez que é parte substancial dos objetivos, sendo o caminho destacado – e defendido neste trabalho – para a prevenção. No entanto, a palavra “prevenir” recebe maior destaque, escrita com caracteres maiúsculos, uma vez que é o fim da comunicação do produto.

Figura 6 - Logo do produto



Fonte: Elaboração própria

e) Imagens

A escolha da imagem de uma mão segurando um megafone para a página inicial da cartilha tem o intuito de representar a chamada para a reflexão, mostrando que é importante dar voz à luta.

Figura 7 - Mão segurando megafone

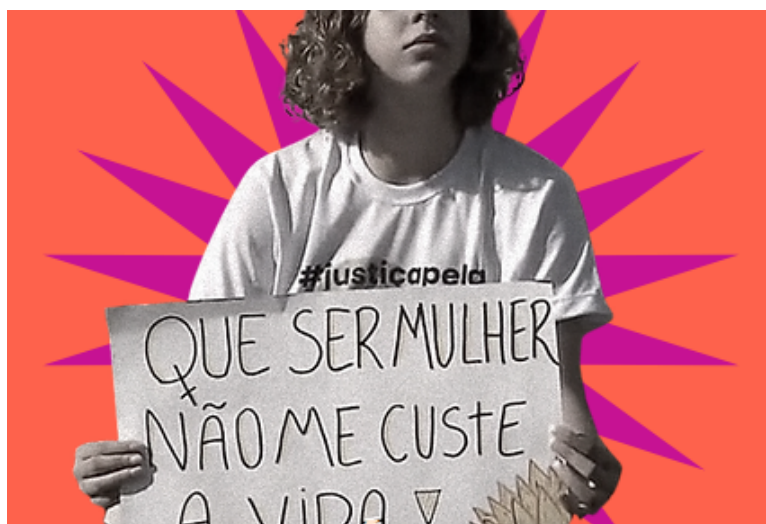


Fonte: Elaboração própria a partir de banco de imagens gratuito

Para trazer clareza visual ao propósito e conteúdo da cartilha, foi utilizada uma imagem de uma jovem segurando um cartaz com a frase “Que ser mulher não me custe a

vida”. Neste ponto peço licença para expor a minha motivação pessoal para o desenvolvimento do presente trabalho. No dia 12 de dezembro de 2022 minha tia, Rozane Costa Ribeiro – mãe-solo, professora, amiga, irmã, filha, mulher – foi mais uma das vítimas do brutal crime de feminicídio e, apesar de ter se tornado um número para as estatísticas, sua história continua viva nos corações daqueles que por ela foram cativados. Por isso, as duas imagens a seguir, presentes respectivamente na seção “Raízes Históricas” e na página “Lei do Feminicídio” da cartilha, são do dia do julgamento do assassino, e a jovem segurando o cartaz, assim como a que veste a camiseta com os dizeres “Pare de nos matar” trata-se de sua filha mais velha, minha prima.

Figura 8 - Que ser mulher não me custe a vida



Fonte: Elaboração própria a partir de acervo pessoal

Figura 9 - Pare de nos matar



Fonte: Elaboração própria a partir de acervo pessoal

As três figuras que se seguem foram escolhidas para ilustrar as páginas individuais das legislações sobre o tema, sendo elas respectivamente “Convenção de Belém do Pará”, com as mãos unidas formando um globo terrestre junto ao símbolo do gênero feminino, a “Lei Maria da Penha”, com uma foto da mulher que dá nome à primeira lei sobre violência doméstica e familiar do país, e “Lei do Minuto Seguinte”, cuja imagem tem uma mulher com a mão estendida e nela escrito “no is no” ou “não é não”.

Figura 10 - Mãos unidas



Fonte: Elaboração própria a partir de banco de imagens gratuito

Figura 11 - Maria da Penha



Fonte: Elaboração própria a partir de banco de imagens gratuito

Figura 12 - Não é não



Fonte: Elaboração própria a partir de banco de imagens gratuito

A figura abaixo é uma composição para ilustrar a página que trata dos tipos de violência contra a mulher descritos na lei. Foram utilizadas imagens para abarcar alguns destes, como a violência física, psicológica e patrimonial.

Figura 13 - Tipos de violência



Fonte: Elaboração própria a partir de banco de imagens gratuito

As figuras 14 e 15 são representações visuais do Ciclo da Violência Doméstica e do chamado “violentômetro”, uma espécie de termômetro da violência. Esta última foi adaptada do modelo construído como material gráfico pelo programa “Pró-Vítima”, a adaptação transforma uma linguagem que fala diretamente com a vítima para uma que conversa em primeira pessoa com o agressor.

Figura 14 - Ciclo da violência



Fonte: Elaboração própria

Figura 15 - Violentômetro para homens



Fonte: Elaboração própria a partir de adaptação do violentômetro produzido pelo Pró-Vítima

As quatro figuras restantes são elementos visuais para ilustrar os projetos de apoio existentes. As figuras 16 e 17 trazem imagens de unidades da Casa da Mulher Brasileira e do Espaço Acolher, respectivamente. As figuras 18 e 19 são imagens fictícias utilizadas para representar os gêneros de comunicação “podcast” e “TV”, presentes na indicação de conteúdos para homens e na página “Se liga”, onde foram incluídas cenas de filmes, séries e novelas para alertar sobre alguns sinais de violência.

Figura 16 - Casa da Mulher Brasileira



Fonte: Elaboração própria a partir de imagem disponível em site do GDF

Figura 17 - Espaço Acolher



Fonte: Elaboração própria a partir de imagem disponível em site do GDF

Figura 18 - Podcast



Fonte: Elaboração própria a partir de banco de imagens gratuito

Figura 19 - Se liga



Fonte: Elaboração própria a partir de banco de imagens gratuito

f) *Layout* da cartilha online

Apresentamos o layout da cartilha a ser acessada via navegador. A Figura 20 é a *home page*, ou página inicial. Ao lado esquerdo está o slogan da cartilha, “Comunicar para prevenir”, e ao lado direito os links para as demais páginas. À medida em que o adolescente for descendo a barra de rolagem, encontrará informações sobre a violência contra as mulheres.

Figura 20 – Página Inicial da cartilha

COMUNICAR PARA PREVENIR

Q Search...

comunicar para PREVINIR

uma cartilha educativa pelo fim da violência contra as mulheres no DF

INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

COMUNICAR PARA PREVENIR



INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

Ei, homem, você também é parte dessa luta!

COMUNICAR PARA PREVENIR

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

“todo e qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”

- CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ, 1994

COMUNICAR PARA PREVENIR

A violência contra meninas e mulheres tem suas raízes históricas em uma cultura em que determinados padrões de comportamento são atribuídos ao gênero, produzindo assim relações de **dominação** e **submissão**.

RAÍZES HISTÓRICAS



INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

Conheça algumas leis e dados

Fonte: Elaboração própria

A Figura 21 é a página que dispõe de leis e dados sobre a violência contra as mulheres. Cada bloco verde contém um tópico, que inclui um link para acessar a informação completa.

Figura 21 – Página Leis e Dados

COMUNICAR PARA PREVENIR

Search...

LEIS & DADOS

- INÍCIO
- LEIS & DADOS**
- TIPOS DE VIOLÊNCIA
- CICLO DA VIOLÊNCIA
- O QUE FAZER?
- PREVENÇÃO NA PRÁTICA
- SE LIGA

CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARA	LEI MARIA DA PENHA	LEI DO MINUTO SEGUINTE	LEI DO FEMINICÍDIO
Tratado Internacional dos Estados Interamericanos considerado um marco em prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher.	Outra importante para combater a violência doméstica e familiar contra a mulher. Especifica os tipos de violência e dispõe sobre procedimentos em caso de violação.	Garante a vítimas de violência sexual atendimento imediato pelo SUS, amparo médico, psicológico e social e exames preventivos.	Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e o enquadrado como crime hediondo, além de versar sobre fatores agravantes.

COMUNICAR PARA PREVENIR

180 Vítimas no Distrito Federal de 2015 a 2023.

32 Casos em 2023 até novembro no Distrito Federal.

50.962 Mulheres sofreram violência diariamente em 2022 no Brasil.

- INÍCIO
- LEIS & DADOS**
- TIPOS DE VIOLÊNCIA
- CICLO DA VIOLÊNCIA
- O QUE FAZER?
- PREVENÇÃO NA PRÁTICA
- SE LIGA

Fonte: Elaboração própria

A Figura 21 apresenta a página com os tipos de violência para que os adolescentes compreendam que existem várias formas de violência e fiquem atentos à elas.

Figura 22 – Página tipos de violência



Fonte: Elaboração própria

Na figura 23, ciclo de violência, disponibilizamos o gráfico que mostra como o agressor age. O gráfico é importante para que os adolescentes reconheçam determinados padrões de ação.

Figura 23 – Página Ciclo de Violência



Fonte: Elaboração própria

Após navegar pela cartilha online, entender o que é violência e seu ciclo, os adolescentes podem entrar na página o que fazer. Nesta página encontram-se informações para denunciar e para procurar ajuda.

Figura 24 – Página o que fazer

COMUNICAR PARA PREVENIR

O QUE FAZER?

DENÚNCIA

APOIO ÀS VÍTIMAS

INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

COMUNICAR PARA PREVENIR

CANAIS DE DENÚNCIA

180 - Central de Atendimento à Mulher

Aqui você pode realizar denúncias anônimas, além de conseguir informações sobre os direitos da mulher.

190 - Polícia Militar
Em casos emergenciais em que é possível flagrante deve-se ligar para a Polícia Militar.

197 - Polícia Civil
A Polícia Civil também recebe denúncias por telefone, e-mail (denuncia197@pcdf.df.gov.br) e Whatsapp (61 98626-1197).

NUIAM
O Núcleo Integrado de Atendimento à Mulher (NUIAM) oferece atendimento humanizado e eficiente para amparar a mulher e proporcionar condições para interromper o ciclo de violência.

DEAM
As Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher estão presentes no DF na Ceilândia e na Asa Sul. Funcionam em tempo integral (24h, 7 dias por semana). Além de atendimento policial fornecem assistência psicológica e jurídica às vítimas.

INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

COMUNICAR PARA PREVENIR

ASSISTÊNCIA PSICOSSOCIAL & JURÍDICA

Pró-vítima
Por meio da Secretaria de Justiça e Cidadania (Sejus) acolhe vítimas de violência doméstica, familiar, psicológica, física, sexual e institucional, e seus familiares, oferecendo apoio psicológico (terapia individual) e orientação sobre direitos socioassistenciais.

Casa da Mulher Brasileira
Fornece serviços especializados para os diversos tipos de violência contra as mulheres: acolhimento e triagem, apoio psicossocial; delegacia, juizado, Ministério Público, Defensoria Pública, promoção de autonomia econômica, cuidado das crianças, contando com áreas de brinquedotecas, alojamento provisório e central de transportes.



INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

COMUNICAR PARA PREVENIR

Centros Especializados de Atendimento à Mulher (CEAM)
Espaços de atendimento psicológico e social, além de orientação e encaminhamento jurídico à mulher em situação de violência.

Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS)
Atende famílias e pessoas em situação de risco ou vulnerabilidade social, e pode auxiliar caso não haja no município ou cidade um Centro Especializado de Atendimento à Mulher.

Unidades de Saúde (Hospitais, UBSSs, UPAs)
Conforme a Lei do Minuto Seguinte os centros de saúde devem prestar assistência médica, de enfermagem, psicológica e social às mulheres vítimas de violência física e sexual, antes mesmo de registro de boletim de ocorrência.

INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

Fonte: Elaboração própria

43

Na página prevenção na prática colocamos o violentômetro para, de forma lúdica, mostrar ao nosso público-alvo como identificar as violências e o que deve ser feito (figura 25).

Figura 25 – Página prevenção na prática

COMUNICAR PARA PREVENIR

Q Search...

PREVENÇÃO NA PRÁTICA

ATENÇÃO!
Refleta suas atitudes se já chegou a:

- Chantagem
- Manipular
- Ciúmes excessivo
- Ameaçar
- Proibir e controlar

BUSQUE AJUDA!
Existem meios de lidar com problemas ao invés de:

- Machucar
- Empurrar
- Chutar
- Beliscar

NÃO CHEGUE NESSE PONTO!
Tem uma vida em perigo quando as atitudes envolvem:

- Prender
- Abusar sexualmente
- Ameaçar com armas e objetos
- Ameaçar de morte
- Espancar

FEMINICÍDIO

INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

* Adaptação do violentômetro produzido pelo Pró-Vítima

COMUNICAR PARA PREVENIR

ESPAÇO ACOLHER (NAFAVD)
O DF conta com 9 unidades de Atendimento à **Família** e aos **Autores** de Violência Doméstica. Os homens e mulheres atendidos nesses núcleos, geralmente, são encaminhados pela Justiça, mas também recebem pedidos espontâneos para acesso aos serviços. **Unidades:** Plano Piloto, Paranoá, Santa Maria, Planaltina, Sobradinho, Gama, Brazlândia, Samambaia, Taguatinga.

INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

COMUNICAR PARA PREVENIR

MEMOH PODCAST
Podcast para homens. Do projeto de mesmo nome o conteúdo é focado na reflexão em grupo sobre temas como saúde mental e masculinidade, trazendo os homens para o centro da discussão sobre a violência de gênero.

Fonte: Elaboração própria

A última página da cartilha é a “Se liga” (Figura 26). A escolha por este nome vem dos vários significados que ele remete. Se liga pode ser uma gíria que significa fique esperto, fique atento; mas pode ter a ideia de se ligar, se conectar. Nesta página disponibilizamos

trechos de produtos ficcionais em que aparecem cenas de violência. Ao lado do vídeo informamos sobre qual violência este trata. Como o público é composto por adolescentes entre 13 a 18 anos, a seleção dos vídeos é criteriosa. Por exemplo, o trecho retirado da série “Uma família quase perfeita” é um exemplo de uma violência sexual, mas o vídeo não mostra a violência em si, mas uma conversa entre pai e filha em que a filha narra o que aconteceu e o pai identifica a violência sexual. Este trecho é duplamente importante, primeiro porque aborda a violência sexual, o segundo motivo é que nele a jovem não foi capaz de reconhecer a violência, algo comum, por isso é fundamental que tanto mulheres, quanto homens saibam identificar todos os sinais de violências.

Esta é uma página dinâmica, que será constantemente atualizada por meio de recortes de vídeos de produtos audiovisuais atuais ou que fizeram sucesso e mostram cenas de violências. A ideia é informar que as cenas contêm violências para que possam identificá-las e, caso passem por situações semelhantes, consigam cessar o ciclo de violência logo no início.

Figura 26 – Página se liga

The image shows a website interface with a purple header and a red sidebar. The header contains a search bar, the title 'SE LIGA!', and a navigation menu. The sidebar has the text 'COMUNICAR PARA PREVENIR'. The main content area displays three video thumbnails, each with a play button icon and a description of a scene from a TV show or movie. The descriptions include terms like 'violência moral', 'violência física', and 'violência psicológica'.

SE LIGA!
 Abaixo você verá algumas cenas de séries, filmes e novelas. Tente identificar o tipo de violência representada em cada uma delas.

COMUNICAR PARA PREVENIR

Ángela - Prime Video
 Na cena Ângela acaba de acordar e caminha tranquilamente pela casa. É repreendida pelo marido em frente à funcionária do casal pela roupa que está vestindo, em um episódio de **violência moral** que dá indícios também de **violência física**.

Uma família quase perfeita - Netflix
 A adolescente Stella conversa com seu pai sobre o que relata ser uma atividade sexual não consentida. Este, ao perceber que se trata de um episódio de **violência sexual**, se preocupa e imediatamente busca tomar as medidas paliativas.

Big Little Lies - HBO
 A cena retrata Celeste com seu marido. Este se coloca em uma posição de vítima e tenta fazer com que a mulher se sinta mal, em um ato de **violência psicológica** que rapidamente evolui para **violência física**. Logo em seguida o homem passa a fase 1 do ciclo da violência se dizendo arrependido pela atitude.

INÍCIO
LEIS & DADOS
TIPOS DE VIOLÊNCIA
CICLO DA VIOLÊNCIA
O QUE FAZER?
PREVENÇÃO NA PRÁTICA
SE LIGA

Fonte: Elaboração própria

O nosso público engloba professores e seus alunos adolescentes, nativos digitais. Dessa forma, é fundamental que a cartilha virtual possa ser acessada por um celular ou smartphone. As imagens abaixo são trechos da cartilha vistos em um celular (figura 27).

Figura 27 – Cartilha acessada por um smartphone



Fonte: Elaboração própria

5.4. Fase 4 - Divulgação do material

A ideia é fazer parcerias com o Governo do Distrito Federal com foco nas escolas públicas e particulares de Brasília. O intuito é que os professores possam utilizar o material em sala de aula como ferramenta de apoio didático. Sabemos que existe um interesse no envolvimento com ações sociais que transformam. A cartilha não possui interesse econômico, mas informativo e de transformação.

Para acessá-la, o domínio é:

<https://comunicarparapreve.wixsite.com/comunicar-prevenir>

CONCLUSÕES

Sabe-se que o produto resultado deste trabalho utilizado de forma isolada não é capaz, por si só, de pôr fim a um problema cujas raízes estão em uma sociedade construída sobre um histórico de padrões de gênero pré-estabelecidos, em que existe uma dinâmica de submissão feminina e dominação masculina, conforme discutido no referencial teórico.

Sendo assim, optamos por um produto que venha colaborar com a prevenção da violência contra a mulher, que seja voltado especialmente para adolescentes homens, entre 13 e 18 anos, estudantes do Ensino Médio. A ideia de uma cartilha online parte do fato destes adolescentes serem nativos digitais e apaixonados por vídeos, além disso, torna-se um material acessível, podendo ser facilmente distribuído aos professores, que serão o principal canal para que o conteúdo chegue ao jovens. Dessa forma, pensamos em uma cartilha online que seja educativa, contendo informações sobre violências contra a mulher, como identificá-las e como proceder caso as presencie ou as vivencie, podendo cessá-las logo nos primeiros sinais. Além de todas as informações, a cartilha conta com vídeos, recortes de produtos audiovisuais, em que cenas de violências são apresentadas. Os vídeos contém explicação para que funcione como um “recurso comunicativo” (LOPES, 2009) e educativo. A página de vídeos será dinâmica, com intuito de fazer o público retornar à cartilha para assistir novos vídeos e permanecerem “ligados” nos tipos de violência.

O título deste TCC é “Comunicar para prevenir: uma cartilha educativa pelo fim da violência contra as mulheres no DF”, mas sabemos que a cartilha não colocará fim à violência contra as mulheres. A escolha pela palavra é uma tentativa de captar a atenção do público-alvo, mas destaca-se aqui a necessidade de que o produto esteja aliado a estratégias educacionais de maior abrangência, incluindo não apenas a obtenção de informações, mas também a construção de espaços que proporcionem aos jovens fala, escuta e reflexão, como as escolas.

Ao acreditar na educação como uma poderosa ferramenta de transformação e, tendo em mente que os problemas sociais se fortalecem mediante a falta de informação, a comunicação se potencializa como um dos caminhos indispensáveis para a luta pela mitigação da violência contra a mulher.

É nesse sentido que o presente trabalho se consolida não como um fim, mas como mais um passo para tornar as informações mais acessíveis, funcionando também como um método de prevenção. É também uma forma de trazer os homens, sejam potenciais agressores ou não, para o centro do debate de uma luta que ceifa a vida de mulheres, mas que está longe de ser uma luta exclusivamente feminina. Desta forma, espera-se, impulsionar mudanças para alcançar, assim, uma sociedade mais dialógica e uma cultura de paz.

REFERÊNCIAS

BIANCHINI, Alice; BAZZO, Mariana; CHAKIAN, Silvia. **Crimes Contra Mulheres**. 4.ed. Editora Podivm, 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2006.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS - CIDH. **Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher**. Belém do Pará, 9 jun. 1994. Disponível em: <<http://www.cidh.org/basicos/portugues/m.belem.do.para.htm>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

COUTINHO, Nat. Femicídio: número de mulheres mortas no DF aumenta 350% em 2023, diz SSP. **G1**, Distrito Federal, 3 abr. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/04/03/femicidio-numero-de-mulheres-mortas-no-df-aumenta-350percent-em-2023-diz-ssp.ghtml>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

DE SOUZA, Lianna. **O Papel dos Meios de Comunicação no Combate à Violência Doméstica e Familiar**. Disponível em: <<https://capitaldigital.com.br/o-papel-dos-meios-de-comunicacao-no-combate-a-violencia-domestica-e-familiar/>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

FARIAS, Victor. et al. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **G1**, 8 mar. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-femicidios-e-m-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

FILHO, Ismar. Cidadania Comunicativa: a participação social no direito à comunicação. In: SILVA, Deniset et al [org]. **Comunicação para a Cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva**. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 1 ed., 2021. p. 133-157.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA - FBSP. **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4.ed. 2023. Disponível em:

<<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>>.

Acesso em: 27 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

GDF divulga ações de força-tarefa para combater a violência de gênero e o feminicídio. **Agência Brasília**. Brasília, 3 abr. 2023. Disponível em:

<<https://www.ssp.df.gov.br/gdf-divulga-acoes-de-forca-tarefa-para-combater-a-violencia-de-genero-e-o-feminicidio/>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JÚNIOR, Wilson. Análise de Conteúdo In: DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

KUNSCH, Margarida. Comunicação organizacional: conceitos e dimensões dos estudos e das práticas. In: MARCHIORI, Marlene. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2006, p.167-190.

KUNSCH, Margarida. **Comunicação Organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual**. São Paulo: MATRIZES, v.8, n.2, p. 35-61. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/view/90446>> . Acesso em: 10 jul. 2023.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, v. 3, n. 1, p. 21-47, ago./dez., 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS: ONU. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5: Igualdade de Gênero**. 2015. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL: SSP-DF.

Monitoramento de Feminicídios no Distrito Federal. 2023. Disponível em:

<<https://feminicidio.ssp.df.gov.br/extensions/feminicidio/feminicidio.html#1>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

SILVA, Carlos. **Educação e informação são chaves para lidar com feminicídio, diz Figueiredo.**

Correio Braziliense, 20 jul. 2023. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/07/5110446-educacao-e-informacao-sao-chaves-para-lidar-com-feminicidio-diz-figueiredo.html>>. Acesso em: 23 out. 2023.

VELASCO, Clara et al. **Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas.** G1, 8 mar. 2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-e-m-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>>. Acesso em: 8 jul. 2023.